

Fátima Vieira  
Maria Teresa Castilho  
(orgs.)

Estilhaços de Sonhos:  
Espaços de Utopia

quasi

## Do Bolorento Hades à Utopia dos Campos Elísios

Manuel Ramos  
Universidade do Porto

### 1. O bolorento Hades

O lugar habitual do homem homérico *post mortem* é o escuro, insondável e bolorento (é este o seu epíteto específico) Hades, ao longo do rio Estige, no qual os mortos reviviam como sombras, desprovidos da vitalidade física que conservavam em vida. Reservado a todos os homens, nobres ou plebeus, a existência que aí se vivia era o prolongamento da vida terrena. Aí encontramos (*Odisseia*, XI) a alma do tebano Tirésias (célebre adivinho em várias tragédias), que tem o dom de prever o futuro e faz no Hades aquilo que fazia em vida na épica tebana: ser adivinho. Também Minos, rei de Creta (o que mandou construir o célebre labirinto), faz no Hades o que fazia em vida: julgar. E igualmente Oríon (caçador da mitologia, metamorfoseado por Ártemis numa constelação que tem o seu nome): caçar. Para estes o Hades é o prolongamento da vida na terra, mas numa terra triste, de existência miserável, precária, sombria, apagada e sem alegria. É, por conseguinte, um lugar sem utopia, que muito entristecia o homem grego.

Esta noção do Além como terra triste e sem utopia vê-se bem em Ajax,<sup>1</sup> baluarte dos Aqueus, em Anticleia, mãe de Ulisses, que morrera de saudade, mas sobretudo em Aquiles de pés velozes. Ulisses, aquando da sua catábase,<sup>2</sup> está convencido de que Aquiles é o mais feliz dos homens e que a honra régia que granjeava em vida continua agora no Hades:

(...) Não houve, ó Aquiles,  
nem haverá jamais, homem mais feliz do que tu!  
Em vida os Argivos te honravam à medida dos deuses!  
E agora que aqui estás, és senhor dos defuntos!  
Nem a morte te molesta, ó Aquiles!

(*Odisseia*, XI, 482-86<sup>3</sup>)

Mas a resposta do divino Aquiles é surpreendente: o que mais desejaria era viver, ainda que sem honra, em lugar da morte honrosa, pois no Hades não há bem-aventurados (*mákares*). Tal resposta contrasta bem com a escolha que fez na *Ilíada* (IX, 410-16): preferiu uma breve mas heróica vida a uma vida longa mas insignificante (*kleos* em vez de *nostos*). Agora o herói compreende bem o elevado preço que pagou por ter optado pela curta mas heróica vida; daí a irritação e melancolia da sua resposta:

Assim falei e logo ele me respondeu:

«Não me elogies a morte, ó glorioso Ulisses!  
Antes queria ser servo da gleba, em casa  
de um homem pobre, que não tivesse recursos,  
do que ser agora rei de quantos mortos pereceram.»

(*Odisséia*, XI, 487-91)

Também encontramos na *Odisséia* uma outra ideia menos comum: o Hades como castigo para o trio dos grandes condenados: Tício, Tântalo e Sísifo. O gigante Tício, por tentar violar Leto (mãe de Apolo e Ártemis), dois abutres roem-lhe o fígado. Tântalo está de pé num lago com água até ao queixo e, ao tentar bebê-la, ela desce; por cima da sua cabeça há árvores que contêm deliciosos frutos, mas quando levanta os braços, eles elevam-se no ar. Sísifo transporta uma enorme pedra até ao cume de um monte, mas quando está para alcançar o cimo, o peso da pedra fá-la retroceder e rolar novamente para a planície. Portanto, para estes pecadores a morte não é o fim. Pelo seu sofrimento no Hades obtêm a expiação que não puderam alcançar em vida.

## 2. Semelhança da alma com o fumo ou sombra

A alma humana (*psikê*) é igual à imagem que a pessoa tinha em vida, mas não suficientemente consistente para ser agarrada; é como o fumo ou uma sombra. Em vida a *psikê*, retida dentro do corpo, é indispensável para a actividade física e mental; com a morte evola-se do corpo, agora simplesmente matéria morta. Também o *thumos* (fonte dos afectos e emoções) abandona o corpo. A alma, que fez possível a vida, habita no

Hades como uma imagem (*eidôlon*) com a exterior forma do corpo humano que teve em vida (Hoekstra *et al.* 1989: 90):

Como o fumo, a alma partira para debaixo da terra,  
soltando um pequeno grito. Ergueu-se Aquiles de um salto,  
bateu com as mãos uma na outra, e proferiu estas lamentações:  
«Ah! É então verdade que existe uma mansão do Hades  
uma alma e uma imagem, que não tem, contudo, espírito algum!  
Toda a noite a alma do miserando Pátroclo esteve comigo,  
a gemer e a lamentar-se e a fazer-me recomendações!  
Maravilha é a parecença que tinha com o próprio!»

(*Iliada*, XXIII, 99-107)

Ulisses teve a mesma experiência quando tentou abraçar no Hades a alma de Anticleia, sua falecida mãe:

(...) e, ponderando no coração, pretendi  
então abraçar a alma da minha mãe falecida.  
Três vezes me lancei para ela, dizendo-me o espírito  
que a abraçasse! Três vezes ela se evolou dos meus braços  
como sombra ou sonho;

(*Odisseia*, XI, 204-08)

### 3. Sem sepultura não há descanso

O homem grego acreditava que, sem cremação ou inumação, a alma do falecido não conseguiria transpor convenientemente as portas do Hades e obter descanso. Depois disso, não mais revisitaria o mundo dos vivos. É o que encontramos no seguinte texto da *Iliada*, onde a alma do falecido Pátroclo (guerreiro grego morto por Heitor e, depois, vingado pelo amigo Aquiles) aparece em sonhos a Aquiles e lhe pede o cumprimento dos rituais funerários, a incineração do cadáver, ritual único nos Poemas:

Mas eis que surge a alma do miserando Pátroclo,  
em tudo semelhante a ele, na estatura, nos olhos formosos,  
e na voz, o corpo envolvido nas mesmas vestes.

Pousa sobre a sua cabeça e dirige-lhe estas palavras:  
«Tu dormes, e segues o teu caminho, esquecido de mim, ó Aquiles!  
Não me descuravas em vida, mas depois que pereci.  
Sepulta-me o mais célere que possas, para eu passar as portas do Hades.  
Afastam-me para longe as almas, imagens dos defuntos,  
e não consentem que passe o rio para me juntar a elas.  
Ando errante pela mansão do Hades, de largos portões.  
Mas dá-me a mão, imploro-te, pois não tornarei a sair  
do Hades, quando me couberem em sorte as chamas da pira.»

(*Iliada*, XXIII, 65-76)

Também Elpenor (companheiro de Ulisses recentemente falecido) aparece a Ulisses (*Odisseia*, XI, 51-83) a solicitar as honrosas chamas da pira, para poder transpor as portas do Hades.

#### 4. Os Campos Elísios: espaços de utopia

Em clara oposição ao Hades, temos também na *Odisseia*, IV, 561-69 (é este o *locus classicus* onde pela primeira vez surge, e parece ser uma herança da religião minóica), um novo lugar de eterna felicidade: os Campos Elísios. É o lugar dos bem-aventurados, abrigo confortável depois da morte, num local que nem é Olimpo nem Hades, para heróis muito seleccionados,<sup>4</sup> que, desta forma, escapam à morte e ao Hades, não por qualquer mérito próprio, mas por especial dilecção dos deuses e, no caso de Menelau, ainda por ser genro de Zeus. Neste lugar de delícias, contrariamente ao Hades, os poderes corpóreos mantêm-se, pois os bem-aventurados que para aí forem não morrerão (*athánatoi*), mas serão trasladados (Hoekstra *et al.* 1988: 227). É o Paraíso Grego, um espaço de utopia, em local plano, de clima temperado e de difícil identificação (*no extremo da terra*), mas antes do rio Oceano<sup>5</sup> (pois do lado de lá fica o reino dos mortos), assim caracterizado por Proteu,<sup>6</sup> o Velho do Mar:

A ti não te está destinado, ó Menelau, vindo de Zeus,  
morrer em Argos criadora de cavalos, nem encontrar o teu fim.  
Mas os mortais te mandarão para a Planura Elísia,  
no extremo da terra, onde está o louro Radamanto.  
Aí se oferece aos homens uma vida mais fácil.

Não neva, não há grande invernia, nem chuva.<sup>7</sup>  
Mas as brisas do Zéfiro sopram sempre ligeiras,  
vindas do Oceano, para refrescar os homens.  
Isto porque possuis Helena, e para eles és genro de Zeus.

(*Odisseia*, IV, 561-569)

No Mito das Cinco Idades de Hesíodo (*Trabalhos e Dias*, 109-201), encontramos a sua versão do mesmo mito. O lugar de felicidade no Além tem aqui o nome de Ilhas dos Bem-Aventurados (*nêsoi makárôn*, que primitivamente parece significar «Ilhas dos deuses») e é destinado aos heróis da Quarta Idade, os combatentes de Tróia e Tebas, hoje chamados Micé-nicos. As permutas com os Elísios são evidentes: em ambos a alimentação é abundante, há segurança, paz, plenitude e ausência de rivalidades, mas agora o paraíso é expressamente uma ilha junto da corrente do Oceano e não é um lugar tão privativo como na versão homérica:

o pai Zeus Crónida concedeu-lhes uma vida e morada  
longe dos homens, colocando-os no extremo da terra.  
É aí que habitam, com o ânimo isento de cuidados,  
nas ilhas dos Bem-Aventurados, nas margens do Oceano  
de correntes profundas. Felizes heróis, par quem a terra fecunda  
produz o fruto doce como o mel, florindo três vezes por ano!

(*Trabalhos e Dias*, 168-173)

As condições de felicidade nas Ilhas dos Bem-Aventurados não são muito diferentes das da Primeira Idade da humanidade: a Idade de Ouro, quando os homens, por ainda não terem decaído, eram como deuses:

Eram como deuses, com espírito despreocupado,  
vivendo à margem de penas e misérias; a velhice medonha  
não os surpreendia, mas, sempre de membros vigorosos,  
deleitavam-se em festins, a bom recato de todo o mal;  
se morriam, era como que vencidos pelo sono.<sup>8</sup> Para eles,  
tudo era perfeito: o solo fértil oferecia-lhes por si  
frutos numerosos e abundantes; e eles, contentes,  
e tranquilos, viviam da terra, no meio de bens inúmeros

(*Trabalhos e Dias*, 112-119)

De igual forma, havia uma similitude entre a existência feliz e etérea dos heróis nos Elísios ou nas Ilhas dos Bem-Aventurados e as maneiras sem cuidados dos deuses no Olimpo, «que é a grande criação em termos de utopia por parte da fantasia grega» (Manuel & Manuel 1979: 76):

Depois que assim falou, partiu Atena de olhos garços  
para o Olimpo, onde se diz que fica dos deuses a eterna e segura  
mansão: não a abalam os ventos, nem a humedece a chuva;  
não se acerca dela a neve, mas um céu brilhante  
se abre sem nuvens. Uma luz alvinhenta se derrama por cima.  
Aí se deleitam todó o tempo os deuses bem-aventurados.  
Para lá se retirou Atena,

(*Odisseia*, VI, 41-47)

E todos (Campos Elísios, Ilhas dos Bem-Aventurados e Olimpo) assumiam formas um tanto semelhantes aos jardins das Hespérides (Ninfas do Poente, no Extremo Ocidente, nas margens do Oceano, que vigiavam o jardim dos deuses em que cresciam maçãs de ouro); a Leuce, a Ilha Branca, no Ponto Euxino (para onde Tétis levou o corpo de Aquiles e aí, rodeado de heróis, levava uma vida de festins e combates, mui contrariamente ao destino que Homero lhe reservou no Hades); aos jardins de Alcínoo, na ilha da Esquéria, onde: «Nunca o seu fruto se perde ou deixa de produzir, / quer seja inverno ou verão; duram sempre. / O Zéfiro, que sopra sempre, faz criar uns, e outros sazonar» (*Odisseia*, VII, 112 e ss.); e à ilha de Ogígia, onde a ninfa Calipso ofereceu a Ulisses a imortalidade. Na verdade, no canto V da *Odisseia*, encontramos Ulisses retido pela ninfa venerável contra a sua vontade, sozinho e num dos pontos mais baixos da sua tormentosa viagem de regresso a casa. Todos os dias, sentado sobre o areal da praia, de olhos entumecidos pelas lágrimas de saudade, suspirava incessantemente por voltar ao querido lar. Nem o gozo da luxuriante ilha em que o herói e a venerável ninfa se passeavam (e que tão grande admiração irá causar a Hermes, mensageiro dos deuses) bastava para lhe apagar as mágoas. A deusa de belas tranças, julgando-o vulnerável, todos os dias lhe afagava os ouvidos para o convencer a ser seu marido em troca daquilo que os homens mais estimam: a imortalidade. Mas, apesar de lhe ser dada a distinção de casar com uma belíssima

deusa e de lhe serem concedidas as honras exclusivas dos deuses («maior valentia (*aretê*), honra (*timê*) e força» [*Iliada*, IX, 498], uma vida isenta de cuidados, fácil e passada em festins, alimentando-se de ambrósia e néctar, que produzem o *icor*, o divino sangue, fator da imortalidade), tudo isso deitou a perder. Foi por amor de sua mulher Penélope, de seu filho Telémaco e da sua querida pátria, a ilha de Ítaca (que nem sequer era uma terra fértil, mas para ele não havia terra que tanto lhe enfeitiçasse os olhos), que Ulisses que muito sofreu recusou viver na utopia.

## 5. Os Campos Elísios para Píndaro

Durante o tempo de Píndaro, tebano do séc. V a.C., que se tornou o poeta filosófico do orfismo e aceitou a sua escatologia, o carácter da população do Elísio tinha mudado radicalmente. Sob a influência órfica ou pitagórica, a visão homérica foi modificada por uma doutrina de castigos aplicados no Hades aos que transgrediram a lei dos deuses e para os justos, também no Hades, a existência fácil – diz o poeta na II.<sup>a</sup> Ode Olímpica, especialmente vv.56-83 (o mito da ode, apresentado sob a forma de uma descrição da vida no Além).

Mas o grau supremo de felicidade ficaria reservado para as almas de qualidade superior, as que, por um processo de reencarnações ou metempsicoses, conseguissem cumprir por três vezes o duplo ciclo da existência terrestre e infernal sem terem praticado nenhuma mácula. Estas poderiam prosseguir o caminho de Zeus (talvez a via láctea) para a ilha dos Bem-Aventurados, onde era juiz Radamanto, também governador na versão homérica.

Depois o poeta fornece uma lista parcial das companhias divinas reunidas neste local: Peleu, Cadmo e também Aquiles, agora num lugar de felicidade. Assim, a salvação nos Elísios dependia da recompensa por uma vida de luta e de superação do pecado; e coexistia com o Hades, onde os maus eram atormentados (Willcock 1995: 137-38):

(...) Se quem a [riqueza] possui  
soubesse o futuro! Que dos que morrem aqui  
logo os espíritos injustos pagam a pena,  
e que os delitos cometidos

neste reino de Zeus, alguém os julga debaixo da terra,  
proferindo sentenças com hostil necessidade!

Com noites sempre iguais e dias  
também iguais,  
gozam o Sol e recebem vida menos penosa  
os bons; não revolvem  
a terra com o braço, nem a água marinha,  
em seu estado de vida,  
mas sempre entre os honrados pelos deuses,  
quantos se compraziam  
na boa fé, passam uma vida sem lágrimas.  
Os outros arrastam  
um castigo que não se pode ver. Mas quantos  
tiveram a coragem, enquanto  
por três vezes permaneciam de um e de outro lado,<sup>9</sup>  
de abster a sua alma de toda a injustiça,  
esses percorreram o caminho de Zeus, ao longo da torre de Cronos.  
Aí sopram as brisas oceânicas  
em volta das Ilhas dos Bem-aventurados.  
Brilham flores de ouro,  
Umas no chão, outras nas árvores resplandecentes.  
A água cria outras ainda.

Com elas entrelaçam as mãos com grinaldas, e tecem  
coroas, sob as sentenças justas de Radamanto,  
que o pai poderoso tem como assessor às ordens,  
o filho de Reia que, entre todos, ocupa o trono  
mais excelso.  
Nestes se contam Peleu e Cadmo; trouxe Aquiles, depois  
que com preces convenceu  
o coração de Zeus, sua mãe. Esse que derrubou Heitor,  
de Tróia coluna invencível  
e erecta, o que deu a morte a Cícno  
e ao Etíope, filho da Aurora.

(II.ª Ode Olímpica, 56-83)

As brisas frescas oceânicas que aí sopram, o *ver perpetuum* (primavera eterna), o Elísio plano, a vida sem lágrimas, a abundância de alimento e Radamanto como juiz relembram Homero e Hesíodo, mas o ambiente foi enriquecido com novos elementos: a flora é radiante e os bem-aventurados entrelaçam as mãos com grinaldas.

O *frg. 129 Snell* de Píndaro completa a descrição do Elísio: o Além é um lugar de delícias debaixo da terra e os bem-aventurados deleitam-se com a prática de desportos e de música:

Brilha para eles a força do Sol, debaixo da terra,  
mesmo enquanto é noite aqui.  
Em frente à sua cidade, há prados de rosas rubras,  
ensombrados pelo incenso,  
e árvores carregadas de áureos frutos.  
O seu deleite são os cavalos, os exercícios gímnicos,  
o xadrez e a lira.  
E, no meio deles, floresce a ventura frondosa.  
Um aroma aprazível  
se espalha pela região,  
dos sacrifícios de toda a espécie,  
feitos sobre os altares  
dos deuses. Ao longe se avista a sua chama.

A Utopia do Paraíso na cultura ocidental remonta (talvez por influência cretense) à *Odisseia* de Homero, obra dos finais do séc. VIII a. C. Tem o nome de Campos Elísios (Ilhas dos Bem-Aventurados na obra de Hesíodo) e é um lugar de delícias e felicidade para heróis seleccionados, que desta forma escapam ao triste e miserável Hades da *Ilíada* (a primeira obra literária da cultura ocidental de meados do séc. VIII). Mas, lentamente, vai surgindo a ideia de que o homem moralmente superior vai para esse lugar, e os que transgridem a lei dos deuses permanecem no triste Hades sujeitos a castigos.

---

<sup>1</sup> A sua alma conservava-se longe, triste e ressentida por causa da vitória de Ulisses na disputa das armas de Aquiles. Ulisses dirige-lhe palavras simpáticas, mas sem êxito.

<sup>2</sup> A visita ao Mundo dos Mortos é um *topos* da épica e usual para grandes heróis: Orfeu, Hércules, Teseu e Eneias. Porém, com rigor, esta não é uma catábase, porque Ulisses não desce ao Mundo dos Mortos; as almas é que sobem até à concavidade onde ele se encontra.

<sup>3</sup> Salvo expressa indicação em contrário, todas as traduções de fontes clássicas são de Maria Helena Rocha Pereira (1998), *Hélade, Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos.

<sup>4</sup> Para Menelau, rei de Esparta (obviamente sua esposa Helena acompanhá-lo-ia), e Radamanto, filho de Zeus e Europa, que veio a ser um dos juizes dos mortos e senhor dos Elisios. A menção de Radamanto sugeriu aos estudiosos que esta ideia provinha da ilha de Creta.

<sup>5</sup> Rio de corrente profunda, que circunda toda a terra e separa os vivos dos mortos. Não confundir com o Mar interior (Mediterrâneo).

<sup>6</sup> Um «velho do mar», pastor de focas, conhecedor de todas as coisas e dotado do poder de tomar formas diferentes a fim de escapar às perguntas dos marinheiros (*Odisseia*, IV, 351 e ss.). Foi obrigado por Menelau, vindo de Tróia, a fornecer-lhe informações destinadas a completar a sua viagem de regresso a casa. E valeu bem a pena, pois obteve informações que não imaginaria!

<sup>7</sup> Vd. a figura retórica lítote: negar para afirmar. O uso do presente do indicativo indica a eterna natureza do lugar.

<sup>8</sup> Morrer durante o sono era considerada a melhor forma de morte.

<sup>9</sup> Isto é: na terra e no mundo subterrâneo.

### Obras citadas:

- Jong, Irene J. F. de (2001), *A narratological commentary on the Odyssey*, Cambridge University Press.
- Hoekstra, Alfred Heubeck Arie *et al.* (I, 1988; II, 1989) *A commentary on Homer's Odyssey*, Oxford University Press.
- Homero (2003), *Odisseia*, trad. de Frederico Lourenço, Lisboa, Livros Cotovia.
- Manuel, Frank E. & Manuel, Fritzie P. (1979), *Utopian thought in the Western World*, Harvard University Press.
- Page, Denys L. (1966), *The Homeric Odyssey*, Oxford University Press.
- Pereira, Maria Helena da Rocha (1955), *Concepções Helénicas de Felicidade no Além: de Homero a Platão*, Coimbra, Edições Marânus.
- Pereira, Maria Helena da Rocha (1998), *Hélade, Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos.
- West, M. L. (eds.) (1978), *Hesiod, Works and Days*, Oxford University Press.
- Willcock, M. M. (eds.) (1995), *Pindar, Victory Odes*, Cambridge University Press.